

BODAS DE SANGUE

AUTOR: Garcia Lorca

Número de personagens: 12 homens e 10 mulheres e uma menina.

Personagens:

Leonardo

Noivo

Pai da noiva

Lua

Morte - como mendiga

3 lenhadores

2 rapazes

Mãe do noivo

Noiva

Sogra de Leonardo

Mulher de Leonardo

Criada

Vizinha

3 raparigas

Menina

Convidados

Número de páginas: 51

Número de exemplares: 2

Atos: 3

Tema: Mulher tem o filho e marido assassinados e vive amargurada com o filho que lhe resta. O filho vai casar e, na última hora a noiva foge com um ex-noivo, que pertence a família dos assassinos, o noivo sai em seu encalço e terminam os dois se matando.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

DIVISÃO DE CENSURA DE  
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF  
CTF Nº 255

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

BODAS  
DE  
SANGUE

\*\*\*\*\*

(GARCIA LORCA)

ABRIL 77



*Sujeita à liberação*  
SBAT  
Sociedade Brasileira de Autores Teatrais  
Florianópolis, F. O. Grande do Sul  
DR. IVAN MARTINS  
REPRESENTANTE GERAL

GRUPO PRODUÇÕES TEATRAIS MARTHA

Porto Alegre, 28 de ABRIL de 1977

Senhores.....

O Teatro para nós, não representa um meio de ganhar-mos a vida, nunca foi e nunca será um local onde encontraremos divertimento. Por outro lado, ele apresenta-se como a solução, para resolução dos enigmas, mistérios, dramas e outras definições mais, que tem a palavra, viver.

Somos ainda um Grupo amador, totalmente composto por estudantes de 1º e 2º grau.

Como qualquer outro grupo enfrentamos serios problemas para continuar-mos existindo, problemas estes que vão desde a situação econômica até as problemas pessoais de cada um.

Mas tudo isso é esquecido no momento que as luzes dos refletores se acendem, as cortinas se abrem, e começa mais uma apresentação TEATRAL.

QUANTO AO III FET.

O III FET, para nós é de suma importância, pois é sinônimo de uma nova proposta e nós dará condições de ampliar mos nossos conhecimentos, aperfeiçoar mos nossas técnicas e criar um amadurecimento convincente e seguro.

Acreditamos que, com nossas três anos de existência, já temos condições de dar-mos nosso recado a altura do que for necessário.

Ai esta nossa peça.

Ai está todo nosso empenho.

---

Diretor Geral: J. Paulo Fontes

DIVISÃO DE CENSURA DE  
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF  
CTF Nº 255

## BREVE HISTÓRICO

O GRUPO PRODUÇÕES TEATRAIS MARTHA foi fundado na E. E. São Francisco de Assis N/C a 20 de junho de 1974. Teve como 1ª Diretora a Prof. MARTHA depois passando a direção do mesmo a José Paulo Fontes qual se mantém no cargo até os dias atuais.

Atualmente devido a evolução dos estudos se encontra desligado da escola, e realiza suas atividades sócio.

Está situado na Av. Bento Gonçalves nº 1881, onde conta com o apoio do Instituto Musical NEBEL.

Já realizou mais de 120 apresentações, em Teatro, Escolas e Clubes.

### SUAS MONTAGENS.

- RAFAEL O REBELDE (drama) 1974
- FIGUE DE CIGANO (drama) 1974
- NEUSA TODA DE BRANCO (comédia) 1975
- OS REBELDES DE ESPARTA (tragedia) 1975
- TERRA DA SOLIDÃO (drama) 1975
- RETALHOS (variações) 1976
- QUANDO AS PORTAS SE FECHAM (Teatro

Laboratório  
1976

MONTAGEM ATUAL

BODAS DE SANGUE: (tragédia)

GARCIA LORCA.

Futuras Montagens (1977)

A Menina que Buscava o Sol (infantil)

Assim que passem Cinco Anos

Garcia Lorca

A Estranha Realidade (tragédia)

J. Paulo Fontes

FICHA TÉCNICA.

DIREÇÃO: J. PAULO

V: DIREÇÃO : LUIZ NORBERTO.

TESOUREIRO: TELMO FALK.

Peças: BODAS DE SANGUE (tragédia)

Em Tres Atos e Sete Cenas.

ILUMINAÇÃO: TELMO FALK

SOM. : LUIZ NERI

CONTRA REGRA: NILSON

ELENCO:

JONH

DEBORA

DHYSER

PATRICIA

PETER

NILSON

J. PAULO

NERI

KAREM

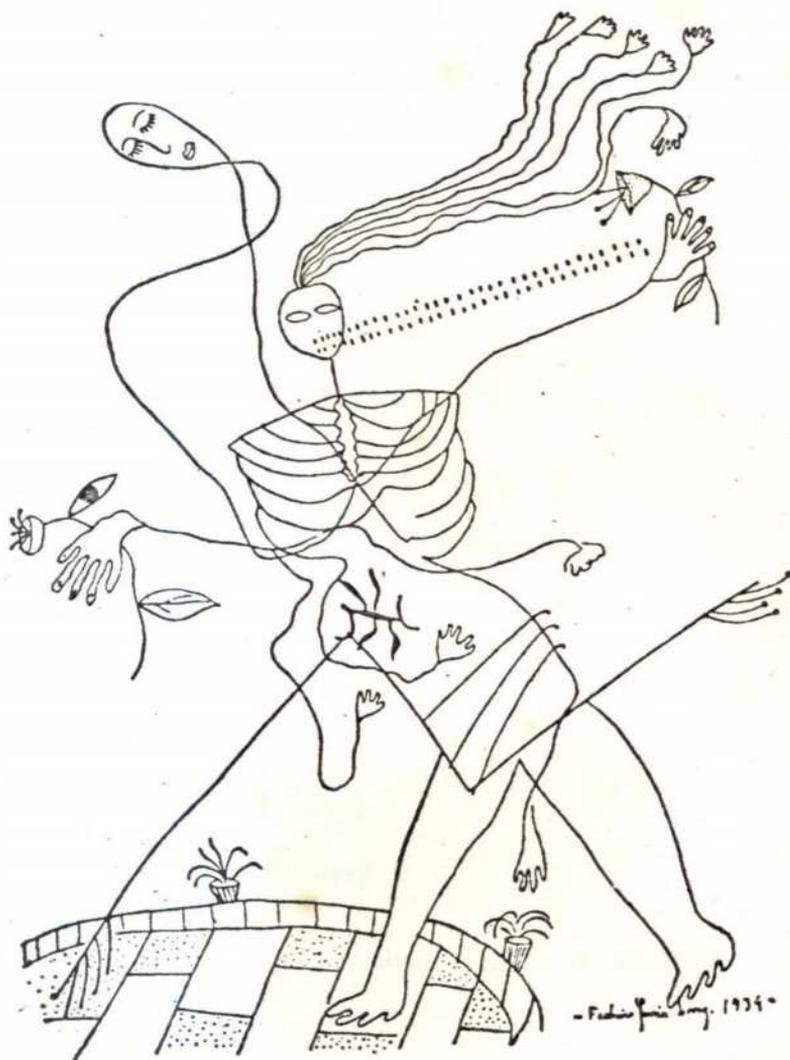
NICÉIA

MARINA

MARISOL

DIVISAO DE CENSURA DE  
DIVERSAS FORMAS - GPF  
CTF Nº 255

# BODAS DE SANGUE



UNIDADE DE BUSQUEDA DE  
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF  
CTF Nº 255

**BODAS DE SANGUE \***  
TRAGÉDIA EM TRÊS ATOS E SETE QUADROS

**PERSONAGENS**

- |                        |                      |
|------------------------|----------------------|
| LEONARDO               | A MÃE                |
| O NOIVO                | A NOIVA              |
| O PAI DA NOIVA         | A SOGRA              |
| A LUA                  | A MULHER DE LEONARDO |
| A MORTE (como mendiga) | A CRIADA             |
| LENHADOR               | A VIZINHA            |
| RAPAZES                | RAPARIGA             |

**PRIMEIRO ATO**

**PRIMEIRO QUADRO**

*Sala pintada de amarelo.*

Noivo (*Entrando*).- Mãe.  
MÃE.- Que é?  
Noivo.- Já vou.  
MÃE.- Aonde?  
Noivo.- À vinha (*Dispõe-se a sair*).  
MÃE.- Espera.  
Noivo.- Queres alguma coisa?  
MÃE.- Filho, o almoço.  
Noivo.- Deixá-lo... Comerei uvas. Dá-me a navalha.  
MÃE.- Para quê?  
Noivo.- Para cortá-las.  
MÃE (*Entre dentes, procurando-a*).- A navalha, a navalha...  
Malditas sejam todas, mais o patife que as inventou...

\* Tradução de Cecília Meireles.

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010  
Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

NOIVO.- E eu, mãe?

MÃE.- Tu? O quê?

NOIVO.- Preciso dizê-lo outra vez?

MÃE (Séria).- Ah!

NOIVO.- Parece-te mal?

MÃE.- Não.

NOIVO.- E então?

MÃE.- Eu mesma não sei. Assim de repente, sempre me surpreende. Eu sei que a rapariga é boa. Não é verdade? Comportada. Trabalhadeira. Amassa seu pão e cose sua roupa. No entanto, sinto, quando falo nela, como se me dessem uma pedrada na testa.

NOIVO.- Tolices.

MÃE.- Mais que tolices. É que fico sozinha. Já não me resta senão tu, e sinto que te vás.

NOIVO.- Mas tu virás conosco.

MÃE.- Não. Eu não posso deixar aqui sozinhos teu pai e teu irmão. Tenho que me ir todas as manhãs, e se me vou, é fácil que morra um dos Félix, um da família dos assassinos, e o enterrem ao lado. E isso é que não! Qual! Isso sim, que não. Porque com as unhas os desenterro e eu sozinha os esmago de encontro ao muro.

NOIVO (Forte).- Lá vem outra vez!

MÃE.- Perdoa-me (Pausa). Há quanto tempo andas de namoro?

NOIVO.- Três anos. Já consegui comprar a vinha.

MÃE.- Três anos. Ela teve um noivo, não?

NOIVO.- Não sei. Creio que não. As raparigas devem olhar com quem se casam.

MÃE.- É. Eu não olhei para ninguém. Olhei para teu pai, e, quando o mataram, olhei para a parede, diante de mim. Uma mulher e um homem, — e acabou-se.

NOIVO.- Sabes que minha noiva é boa.

MÃE.- Não duvido. Seja como for, sinto não saber como foi sua mãe.

NOIVO.- Que tem isso?

MÃE (Mirando-o).- Filho.

NOIVO.- Que queres?

MÃE.- É verdade! Tens razão! Quando queres que a peça?

NOIVO (Alegre).- Domingo? Que achas?

MÃE (*Séria*).- Levar-lhe-ei os brincos de latão, que são antigos, e tu lhe compras...

Noivo.- Tu entendes mais disso...

MÃE.- ...lhe compras umas meias rendadas, e, para ti, duas roupas... Três! Não te tenho senão a ti!

Noivo.- Já vou andando. Amanhã irei vê-la.

MÃE.- Sim, sim, e vamos ver se me alegras com seis netos, ou quantos te der na veneta, que teu pai não teve tempo de fazê-los para mim.

Noivo.- O primeiro é teu.

MÃE.- Sim, mas que haja meninas. Porque eu quero bordar e, fazer renda e estar tranqüila.

Noivo.- Estou certo de que gostarás da minha noiva.

MÃE.- Gostarei (*Vai beijá-lo e reage*). Nada disso! Já estás muito grande para beijos. Dá-os em tua mulher (*Pausa. À parte*). Quando já o seja.

Noivo.- Vou andando.

MÃE.- Cava bem ao lado do moinho, que aquilo por ali anda descuidado.

Noivo.- Está bem.

MÃE.- Vai com Deus (*O Noivo sai. A Mãe fica sentada de costas para a porta. Aparece à porta uma Vizinha vestida de escuro, de lenço na cabeça*). Entra.

Vizinha.- Como estás?

MÃE.- Assim.

Vizinha.- Fui até o armazém, e vim ver-te. Vivemos tão longe!

MÃE.- Há vinte anos que não subo até o alto da rua.

Vizinha.- Tu estás bem.

MÃE.- Achas?

Vizinha.- As coisas acontecem. Há dois dias, trouxeram o filho da minha vizinha com dois braços cortados pela máquina. (*Senta-se*).

MÃE.- Rafael?

Vizinha.- É. E lá está. Muitas vezes penso que teu filho e o meu estão melhor onde estão, dormindo, descansando, que por aí, expostos a ficarem inutilizados.

MÃE.- Cala-te. Tudo isso são invenções, não são consolos.

Vizinha.- Ai!

MÃE.- Ai! (*Pausa*).

VIZINHA (*Triste*).- E teu filho?

MÃE.- Saiu.

VIZINHA.- Afinal, comprou a vinha!

MÃE.- Teve sorte.

VIZINHA.- Agora, casará.

MÃE (*Como despertando, e aproximando a sua cadeira da da*  
VIZINHA).- Escuta.

VIZINHA (*Em tom confidencial*).- Fala.

MÃE.- Conheces a noiva do meu filho?

VIZINHA.- Boa rapariga!

MÃE.- Sim, mas...

VIZINHA.- Mas quem a conheça a fundo... não há ninguém.  
Vive só, com o pai, lá tão longe, a dez léguas da casa mais pró-  
xima. Mas é boa. Acostumada à solidão.

MÃE.- E sua mãe?

VIZINHA.- Essa, eu conheci. Bonita. Brilhava-lhe a cara como a  
de um santo. Mas a mim nunca me agradou. Não gostava do  
marido.

MÃE (*Forte*).- Ah, mas como se sabem tantas coisas!

VIZINHA.- Perdoa. Não quis ofender; mas é verdade. Agora,  
se foi honesta ou não, ninguém o disse. Disto nunca se falou. Era  
orgulhosa.

MÃE.- Sempre assim!

VIZINHA.- Tu me perguntaste.

MÃE.- Porque queria que ninguém as conhecesse, nem a viva nem  
a morta. Que fossem como dois cardos, de que ninguém fala, e  
picam, se chega a ocasião.

VIZINHA.- Tens razão. Teu filho vale muito.

MÃE.- Vale. Por isso me preocupo. A mim disseram-me que  
a rapariga esteve noiva, há tempos...

VIZINHA.- Quando tinha uns quinze anos. Ele já se casou há  
dois anos, por sinal que com uma prima dela. Ninguém se lembra  
do noivado.

MÃE.- E como te lembras, tu?

VIZINHA.- Fazes cada pergunta!

MÃE.- Cada um procura inteirar-se do que lhe dói. Quem foi o  
noivo?

VIZINHA.- Leonardo.

MÃE.- Que Leonardo?

VIZINHA.- O Leonardo dos Félix.

MÃE.- Dos Félix!

VIZINHA.- Mulher, que culpa tem Leonardo dessas coisas? Tinha oito anos, por ocasião das rixas.

MÃE.- É verdade... Mas ouço falar em Félix e é o mesmo (*Entre dentes*) Félix que sentir encher-se-me a boca de lodo (*Cospe*), e tenho que cuspir, tenho que cuspir, para não matar.

VIZINHA.- Acalma-te, que lucras com isso?

MÃE.- Nada. Mas tu compreendes.

VIZINHA.- Não te oponhas à felicidade de teu filho. Não lhe digas nada. Tu estás velha. Eu também. A ti e a mim nos toca ficar caladas.

MÃE.- Não lhe direi nada.

VIZINHA (*Beijando-a*).- Nada.

MÃE (*Serena*).- Como são as coisas!

VIZINHA.- Vou-me embora, que daqui a pouco chega a minha gente do campo.

MÃE.- Viste que dia de calor?

VIZINHA.- Iam negros, os meninos que levam a água aos segadores. Adeus, mulher.

MÃE.- Adeus. (*Dirige-se para a porta da esquerda. Em meio do caminho, pára e benze-se lentamente.*)

(Cortina)

## SEGUNDO QUADRO

(Sala pintada de cor-de-rosa, com objetos de cobre e ramos de flores populares. No centro, uma mesa com toalha. Pela manhã. SOGRA de LEONARDO com uma criança nos braços. Embala-a. A MULHER, no outro canto, tricota.)

SOGRA

Nana, meu menino,  
do cavalo grande  
que não quis a água.  
A água era negra  
por dentro das ramas.  
Quando chega à ponte,

INSTITUTO DE CENSURA DE  
LIVROS E PUBLICAÇÕES - DPF  
CTF Nº 255

se detém e canta.  
Quem dirá, menino,  
o que tem a água,  
com tão longa cauda,  
em tão verde sala?

MULHER (*Baixo*)

— Dorme, cravo meu,  
que o cavalo não quer beber.

SOGRA

Dorme, meu rosal,  
que o cavalo se põe a chorar.  
As patas, feridas,  
as crinas, geladas,  
e dentro dos olhos  
um punhal de prata.  
Entravam no rio,  
ai, ai, como entravam!  
O sangue corria  
mais forte do que a água.

MULHER

Dorme, cravo meu,  
que o cavalo não quer beber.

SOGRA

Dorme, meu rosal,  
que o cavalo se põe a chorar.

MULHER

Não quis nem tocar  
na margem molhada  
seu focinho morno  
com moscas de prata.  
Para os montes duros  
é que relinchava  
com o rio morto,  
na sua garganta.  
Ai, cavalo grande,  
que não quis a água,  
ai, pena de neve,  
ai, cavalo da alva!

SOGRA

Não venhas. Detém-te.  
E cerra a janela  
com ramas de sonhos  
e sonho de ramas.

MULHER

Meu menino dorme.

SOGRA  
Meu menino cala.

MULHER  
Cavalo, meu filho  
tem uma almofada.

SOGRA  
O seu berço é de aço.

MULHER  
A colcha, de Holanda.

SOGRA  
Nana, nana, nana.

MULHER  
Ai, cavalo grande  
que não quis a água!

SOGRA  
Não venhas, não entres!  
Vai para a montanha,  
por vales de sombra  
onde a água pasta.

MULHER (*Mirando*)  
— Meu filhinho dorme.

SOGRA  
Meu filho descansa.

MULHER (*Baixinho*)  
— Dorme, cravo meu,  
que o cavalo não quer beber.

SOGRA (*Levantando-se e muito baixinho*)  
Dorme, meu rosal,  
que o cavalo se põe a chorar.  
(*Levam o menino para dentro. Chega Leonardo.*)

LEONARDO.- E o menino?

MULHER.- Adormeceu.

LEONARDO.- Ontem não passou bem. Chorou, de noite.

MULHER (*Alegre*).- Hoje está como uma dália. E tu? F... à  
casa do ferrador?

LEONARDO.- De lá venho. Parece incrível. Há mais de dois meses  
ando a pôr ferraduras novas no cavalo, e sempre lhe caem. Pelo  
visto, deve arrancá-las, nas pedras.

MULHER.- Não será por te servires muito dele?

LEONARDO.- Não. Quase não o utilizo.

MULHER.- Ontem, disseram-me as vizinhas que te tinham visto  
no limite das terras.

LEONARDO.- Quem disse isso?

MULHER.- As mulheres que apanham alcaparras. Na verdade, me surpreendeu. Eras tu?

LEONARDO.- Não. Que iria fazer eu ali, naquele deserto?

MULHER.- Foi o que eu disse. Mas o cavalo estava rebentando de suor.

LEONARDO.- Viste-o?

MULHER.- Eu, não: minha mãe.

LEONARDO.- Está com o menino?

MULHER.- Está. Queres um refresco de limão?

LEONARDO.- Com água bem fria.

MULHER.- Por que não vieste comer?

LEONARDO.- Estive com os medidores de trigo. Tomam muito tempo.

MULHER (*Preparando o refresco, muito meiga*).- E pagam bem?

LEONARDO.- O preço justo.

MULHER.- Preciso de um vestido, e o menino de um gorro com laços.

LEONARDO (*Levantando-se*).- Vou vê-lo.

MULHER.- Tem cuidado, que está dormindo.

SOGRA (*Entrando*).- Mas quem dá essas carreiras ao cavalo? Está lá embaixo estendido, com os olhos esbugalhados, como se chegasse do fim do mundo.

LEONARDO (*Áspero*).- Eu.

SOGRA.- Perdoa-me. É teu...

MULHER (*Tímida*).- Esteve com os medidores de trigo.

SOGRA.- Por mim, que rebente (*Senta-se. Pausa*).

MULHER.- O refresco. Está frio?

LEONARDO.- Está.

MULHER.- Sabes que vão pedir minha prima?

LEONARDO.- Quando?

MULHER.- Amanhã. As bodas serão dentro de um mês. Espero que nos venham convidar.

LEONARDO (*Sério*).- Não sei.

SOGRA.- A mãe dele creio que não estava muito satisfeita com o casamento.

LEONARDO.- E talvez tenha razão. Com ela, é preciso ter cuidado.

MULHER.- Não gosto que pensem mal de uma boa rapariga.

SOGRA (*Com intenção*).- Se o diz é porque a conhece. Não vês que foi sua noiva três anos?

LEONARDO.- Mas deixei-a (*À sua mulher*). Vais chorar, agora? Deixa disso! (*Arranca-lhe bruscamente as mãos da cara*). Vamos ver o menino (*Saem abraçados*).

(*Aparece a RAPARIGA, alegre. Entra correndo.*)

RAPARIGA.- Senhora.

SOGRA.- Que foi?

RAPARIGA.- O noivo chegou à loja e comprou tudo o que havia de melhor.

SOGRA.- Veio só?

RAPARIGA.- Não, com sua mãe. Séria, alta (*Imita-a*). — Mas que luxo!

SOGRA.- Eles têm dinheiro.

RAPARIGA.- E compraram umas meias rendadas! Ai, que meias! As meias com que as mulheres sonham! Veja a senhora: uma andorinha aqui (*Aponta o tornozelo*), aqui, um barco (*Aponta a barriga da perna*), e aqui uma rosa (*Aponta a coxa*).

SOGRA.- Menina!

RAPARIGA.- Uma rosa — com as sementes e o cabo! Ai, tudo de seda!

SOGRA.- Vão juntar-se dois bons capitais.

(*Aparecem LEONARDO e sua MULHER.*)

RAPARIGA.- Vim dizer-vos o que estão comprando.

LEONARDO (*Forte*).- Não nos interessa.

MULHER.- Deixá-la!

SOGRA.- Leonardo, não é para tanto.

RAPARIGA.- Com licença (*Vai-se embora chorando*).

SOGRA.- Que necessidade tens de ficar mal com as pessoas?

LEONARDO.- Não lhe pedi sua opinião (*Senta-se*).

SOGRA.- Está bem.

(*Pausa.*)

MULHER (*A Leonardo*).- Que se passa contigo? Que idéia ferve na tua cabeça? Não me deixes assim sem saber nada...

LEONARDO.- Pára.

MULHER.- Não. Quero que me olhes e me digas o que tens.

LEONARDO.- Deixe-me (*Levanta-se*).

MULHER.- Aonde vais, meu filho?

LEONARDO (*Áspero*).- Queres calar-te?

SOGRA (*Enérgica, a sua filha*).- Cala-te! (*Sai Leonárdo*) O menino! (*Sai e torna a entrar com ele nos braços*).

(A MULHER permaneceu em pé, imóvel.)

As patas feridas,  
as crinas, geladas,  
e dentro dos olhos  
um punhal de prata  
Entravam no rio,  
ai, ai, como entravam!  
O sangue corria  
mais forte do que a água.

MULHER (*Voltando-se lentamente, e como sonhando*)

— Dorme, cravo meu,  
que o cavalo se põe a beber.

SOGRA

Dorme, meu rosal,  
que o cavalo se põe a chorar.

MULHER

Nana, meu menino.

SOGRA

Ai, cavalo grande  
que não quis a água!

MULHER (*Dramática*)

— Não venhas, não entres!  
Vai para a montanha!  
Ai, pena de neve!  
Ai, — cavalo da alva!

SOGRA (*Chorando*)

Meu menino, dorme...

MULHER (*Chorando e aproximando-se lentamente*)

Meu filho descansa...

SOGRA

Dorme, cravo meu,  
que o cavalo não quer beber.

MULHER (*Chorando e apoiando-se à mesa*) —

Dorme, meu rosal,  
que o cavalo se põe a chorar.

*Cortina*

### TERCEIRO QUADRO

Interior da "cueva" \* onde mora a NOIVA. Ao fundo, uma cruz de grandes flores cor-de-rosa. Portas redondas, com cortinas de renda e laços cor-de-rosa. Pelas paredes, de material branco e duro, leques redondos, jarros azuis e pequenos espelhos.

CRIADA.- Entrem... (*Muito afável, cheia de hipocrisia humilde. Entram o NOIVO e sua MÃE. A MÃE, de cetim preto, com mantilha de renda. O NOIVO, de belbutina negra, com grande corrente de ouro.*) — Não querem sentar? Já vêm (*Sai*).

(*Ficam mãe e filho sentados, imóveis como estátuas. Pausa demorada.*)

MÃE.- Trouxeste o relógio?

NOIVO.- Trouxe (*Tira o relógio e mira-o*).

MÃE.- Temos que voltar a tempo. Como esta gente mora longe!

NOIVO.- Mas estas terras são boas.

MÃE.- Boas, mas desertas demais. Quatro horas de caminho, e nem uma casa, nem uma árvore.

NOIVO.- Isto são terras secas.

MÃE.- Teu pai as teria coberto de árvores.

NOIVO.- Sem água?

MÃE.- Já a teria arranjado. Em três anos que estive casado comigo, plantou dez cerejeiras (*Recordando*). As três nogueiras do moinho, uma vinha inteira e uma planta chamada Júpiter, que dá flores encarnadas, e que secou.

(*Pausa.*)

NOIVO (*Pela NOIVA*).- Deve estar se vestindo.

(*Entra o PAI da NOIVA. É velho, de cabelo branco reluzente. Vem de cabeça inclinada. A MÃE e o NOIVO levantam-se e apertam as mãos, em silêncio.*)

PAI.- Muito tempo de viagem?

MÃE.- Quatro horas. (*Sentam-se*)

PAI.- Viestes pelo caminho mais longo.

MÃE.- Eu já estou velha para andar pelas ribanceiras.

NOIVO.- Fica tonta.

(*Pausa.*)

PAI.- Boa colheita de esparto.

\* Trata-se de uma habitação de tipo subterrâneo, cavada na rocha, como a dos gitanos de Granada. — *Nota da tradutora.*

Noivo.- Boa, mesmo.

PAI.- No meu tempo, nem esparto dava esta terra. Foi preciso castigá-la, e até chorar-lhe, para que nos desse alguma coisa proveitosa.

MÃE.- Mas agora dá. Não te queixes. Não te venho pedir nada.

PAI (*Sorrindo*).- És mais rica do que eu. As vinhas valem uma fortuna. Cada pâmpano, uma moeda de prata. O que sinto é que as terras... — entendes? — estejam separadas. Por mim, gosto de tudo junto. Tenho um espinho no coração: é a hortazinha engravada nas minhas terras, e que não me querem vender por todo o ouro do mundo.

Noivo.- Isso sempre acontece.

PAI.- Se pudéssemos, com vinte juntas de bois, trazer tuas vinhas para cá e estendê-las pela ladeira. Que alegria!

MÃE.- Para quê?

PAI.- O meu é dela, e o teu é dele. Por isso, para ver tudo junto — que junto é uma beleza!

Noivo.- E daria menos trabalho.

MÃE.- Quando eu morrer, vendeis aquilo, e comprais aqui ao lado.

PAI.- Vender! Vender! Qual! Comprar, filha, comprar tudo! Se eu tivesse tido filhos, teria comprado todo este monte, até a parte do arreo. Porque não é boa terra, mas, com braços, pode ficar boa; e como não passa gente, não te roubam os frutos, e podes dormir tranqüilo.

MÃE.- Tu sabes a que venho.

PAI.- Sei.

MÃE.- E então?

PAI.- Acho que está bem. Eles já trataram.

MÃE.- Meu filho tem, e pode.

PAI.- Minha filha, também.

MÃE.- Meu filho é bonito. Não conheceu mulher. A honra mais limpa que um lençol no coradouro.

PAI.- Que te direi da minha? Prepara as migas às três, com a estrela da manhã. — Não fala nunca; suave como a lã; faz toda espécie de bordados e pode rebentar uma corda com os dentes.

MÃE.- Deus abençõe sua casa.

PAI.- Que Deus a abençõe.

(*Aparece a criada com duas bandejas. Uma com cálices e outra com doces.*)

MÃE (*Ao filho*).- Para quando quereis a boda?

NOIVO.- Quinta-feira que vem.

PAI.- Dia em que ela completa vinte e dois anos justos.

MÃE.- Vinte e dois anos! A idade que teria o meu filho mais velho, se vivesse. E que viveria, fogoso e forte como era, se os homens não tivessem inventado as navalhas.

PAI.- Não se deve pensar nisso.

MÃE.- Cada minuto. Pergunta ao teu coração.

PAI.- Então, quinta-feira. Não é assim?

NOIVO.- É.

PAI.- Os noivos e nós iremos de carruagem até à igreja, que é muito longe; e o acompanhamento, nos carros e cavalgadas que trouxeram.

MÃE.- Combinado.

(*Entra a CRIADA.*)

PAI.- Dize-lhe que já pode vir. (*À MÃE*). Ficarei satisfeito, se te agradar.

(*Aparece a NOIVA. Traz as mãos caídas, em atitude modesta, e a cabeça baixa.*)

MÃE.- Aproxima-te. Estás contente?

NOIVA.- Sim, senhora.

PAI.- Não deves estar tão séria. Afinal de contas, ela vai ser tua mãe.

NOIVA.- Estou contente. Se dei o sim, é porque o queria dar.

MÃE.- Naturalmente (*Segura-lhe o queixo*). Olha para mim.

PAI.- Parece-se em tudo com minha mulher.

MÃE.- É? Que bonito olhar! Tu sabes o que é casar, criatura?

NOIVA (*Séria*).- Sei.

MÃE.- Um homem, uns filhos, e uma parede de duas varas de largura, para tudo mais.

NOIVO.- E que mais é preciso?

MÃE.- Nada. Que vivam todos, isso sim! Que vivam!

NOIVA.- Saberei cumprir a minha obrigação.

MÃE.- Aqui tens uns presentes.

NOIVA.- Obrigada.

PAI.- Não tomamos alguma coisa?

MÃE.- Eu não quero (*Ao Noivo*). E tu?

NOIVO.- Tomarei (*Tira um doce. A NOIVA tira outro*).

PAI (*Ao NOIVO*).- Vinho?

MÃE.- Não o prova.

PAI.- Melhor.

(*Pausa. Todos estão de pé.*)

NOIVO (*À NOIVA*).- Virei amanhã.

NOIVA.- A que horas?

NOIVO.- Às cinco.

NOIVA.- Eu te espero.

NOIVO.- Quando saio de perto de ti, sinto uma grande aflição:  
é assim como um nó na garganta.

NOIVA.- Quando fores meu marido, já não o sentirás.

NOIVO.- É o que eu digo.

MÃE.- Vamos. O sol não espera (*Ao PAI*). De acordo, em tudo?

PAI.- De acordo.

MÃE (*À Criada*).- Adeus, mulher.

CRIADA.- Vão com Deus.

(*A MÃE beija a NOIVA e vão saindo em silêncio.*)

MÃE (*À porta*).- Adeus, filha.

(*A NOIVA responde com a mão.*)

PAI.- Eu vos acompanho.

(*Saem.*)

CRIADA.- Estou louca por ver os presentes.

NOIVA (*Àspera*).- Sai!

CRIADA.- Ai, menina, mostra-mos!

NOIVA.- Não quero.

CRIADA.- Ao menos, as meias. Dizem que são todas rendadas.  
Mulher!

NOIVA.- Já disse que não!

CRIADA.- Por Deus. Está bem. É como se não estivesses com  
vontade de casar.

NOIVA (*Mordendo a mão com raiva*).- Ai!

CRIADA.- Menina, filha, que tens? É pena de deixar tua vida de  
rainha? Não penses em coisas tristes. Tens motivo? Nenhum. Vamos  
ver os presentes (*Apanha a caixa*).

NOIVA (*Agarrando-a pelos pulsos*).- Larga.

CRIADA.- Ai, mulher!  
 NOIVA.- Larga, já disse.  
 CRIADA.- Tens mais força que um homem.  
 NOIVA.- Não tenho feito trabalho de homem? — Antes o fosse!  
 CRIADA.- Não fales assim.  
 NOIVA.- Cala-te, já disse. Mudemos de assunto.  
*(A luz vai desaparecendo da cena. Pausa longa.)*  
 CRIADA.- Não sentiste esta noite um cavalo?  
 NOIVA.- A que horas?  
 CRIADA.- Às três.  
 NOIVA.- Seria algum cavalo tresmalhado.  
 CRIADA.- Não. Levava ginete.  
 NOIVA.- Como o sabes?  
 CRIADA.- Porque o vi. Esteve parado à tua janela. Estranhei muito.  
 NOIVA.- Não seria meu noivo? Algumas vezes tem passado a essa hora.  
 CRIADA.- Não.  
 NOIVA.- Viste-o?  
 CRIADA.- Vi.  
 NOIVA.- Quem era?  
 CRIADA.- Era Leonardo.  
 NOIVA *(Forte)*.- Mentira! Mentira! Que vem fazer aqui?  
 CRIADA.- Veio...  
 NOIVA.- Cala-te! Maldita seja a tua língua!  
*(Sente-se o ruído de um cavalo.)*  
 CRIADA *(À janela)*.- Olha. Chega aqui! Era?  
 NOIVA.- Era.

*Cortina Rápida*

### SEGUNDO ATO

#### PRIMEIRO QUADRO

Saguão da casa da NOIVA. Portão ao fundo. De noite. A NOIVA entra com anáguas brancas de tiotês, cheias de entremeios e bicos de renda e um corpete branco, com os braços no ar. A CRIADA, a mesma coisa.

CRIADA.- Aqui te acabarei de pentear.  
 NOIVA.- Não se pode estar aí dentro, de calor.  
 CRIADA.- Nestas terras não refresca nem de madrugada.  
*(A NOIVA senta-se numa cadeira baixa e mira-se num espelinho de mão. A CRIADA penteia-a.)*  
 NOIVA.- Minha mãe era de um lugar onde havia muitas árvores. De terras ricas.  
 CRIADA.- Tão alegre que era!  
 NOIVA.- Mas aqui se consumiu.  
 CRIADA.- É a sina.  
 NOIVA.- Como nos consumimos todas. Sai fogo das paredes. Ai! Não puxes demais!  
 CRIADA.- É para ajeitar melhor esta onda. Quero que te caia na testa *(a NOIVA mira-se no espelho)*. Como estás linda! Ai! *(Beija-a com efusão)*.  
 NOIVA *(Séria)*.- Continua a pentear-me.  
 CRIADA *(Penteando-a)*.- Como és feliz, tu que vais abraçar um homem, que o vais beijar, que vais sentir seu peso...  
 NOIVA.- Cala-te.  
 CRIADA.- E o melhor será quando acordares e o sentires ao teu lado, roçando-te os ombros com seu alento, como com uma pluminha de rouxinol.  
 NOIVA *(Forte)*.- Queres calar-te?  
 CRIADA.- Mas, menina! Que é uma boda? Uma boda é isso, e nada mais. São os doces? São os ramos de flores? Não. É uma cama reluzente, um homem e uma mulher.  
 NOIVA.- Não se deve dizer.

CRIADA.- Isso é outra coisa. Mas é bem alegre!

NOIVA.- Ou bem amargo.

CRIADA.- As flores de laranjeira vou pô-las desde aqui até aqui, de modo que a coroa sobressaia no penteado. (*Experimenta o ramo de flores de laranjeira*).

NOIVA (*Mira-se no espelho*).- Dá cá (*Toma as flores, mira-as, e deixa cair a cabeça abatida*).

CRIADA.- Que é isso?

NOIVA.- Deixa-me.

CRIADA.- Não são horas de entristecer (*Entusiasmada*). Dá-me as flores. (*A NOIVA joga as flores*). Menina! Que castigo chamas, atirando ao chão a coroa? Levanta essa cabeça! Será que não te queres casar? Fala. Ainda estás em tempo de te arrepender (*Levanta-se*).

NOIVA.- São nuvens. Um mal-estar por dentro. Quem o não tem?

CRIADA.- Gostas de teu noivo.

NOIVA.- Gosto.

CRIADA.- Gostas, gostas: tenho certeza.

NOIVA.- Mas isto é um passo muito grande.

CRIADA.- É preciso dá-lo.

NOIVA.- Já me comprometi.

CRIADA.- Vou colocar-te a coroa.

NOIVA (*Sentando-se*).- Anda depressa, que já devem estar chegando.

CRIADA.- Já levarão pelo menos duas horas de caminho.

NOIVA.- Quanto é, daqui à igreja?

CRIADA.- Cinco léguas, pelo arroio; que, pelo caminho, é o dobro.  
(*A NOIVA levanta-se e a CRIADA entusiasma-se, vendo-a.*)

CRIADA

Desperte a noiva  
Na manhã da boda.  
Que os rios do mundo  
Levem tua coroa!

NOIVA (*Sorridente*).- Vamos.

CRIADA (*Beija-a entusiasmada e baila em redor*)  
Que desperte  
com o ramo verde  
do loureiro em flor.

Que desperte  
pelo tronco e a rama  
dos loureiros!

*(Ouvem-se pancadas de aldraba.)*

NOIVA.- Abre! Devem ser os primeiros convidados. *(Sai).*

*(A CRIADA abre, surpreendida)*

CRIADA.- Tu?

LEONARDO.- Eu. Bons dias.

CRIADA.- O primeiro!

LEONARDO.- Não me convidaram?

CRIADA.- Sim.

LEONARDO.- Por isso, venho.

CRIADA.- E tua mulher?

LEONARDO.- Eu vim a cavalo. Ela vem chegando pelo caminho.

CRIADA.- Não encontraste ninguém?

LEONARDO.- Tomei-lhes a dianteira, com o cavalo.

CRIADA.- Acabas matando o animal, com tantas carreiras.

LEONARDO.- Se morrer, está morto!

*(Pausa.)*

CRIADA.- Senta-te. Ainda ninguém se levantou.

LEONARDO.- E a noiva?

CRIADA.- Agora mesmo vou vesti-la.

LEONARDO.- A noiva! Deve estar contente!

CRIADA *(Mudando de conversa)*.- E o menino?

LEONARDO.- Qual?

CRIADA.- Teu filho.

LEONARDO *(Recordando, como sonolento)*.- Ah!

CRIADA.- Vão trazê-lo?

LEONARDO.- Não.

*(Pausa. Vozes cantando muito longe.)*

#### VOZES

Desperte a noiva  
na manhã da boda!

LEONARDO

Desperte a noiva  
na manhã da boda!

CRIADA.- É o povo. Ainda vem longe.

LEONARDO.- A noiva levará uma coroa grande, não é? Não devia ser tão grande. Um pouco menor lhe assentaria mais. E o noivo já trouxe a flor de laranjeira que deve levar ao peito?

NOIVA (*Aparecendo ainda em anáguas e com a coroa de flores de laranjeira já posta*).- Trouxe.

CRIADA (*Forte*).- Não saias assim.

NOIVA.- Que importa? (*Séria*). Por que perguntas se trouxeram as flores de laranjeira? É com alguma intenção?

LEONARDO.- Nenhuma. Que intenção podia ter? (*Aproxima-se*) —Tu, que me conheces, sabes que não a tenho. Dize-me: quem fui eu, para ti? Abre e refresca a memória. Mas dois bois e uma pobre choupana é muito pouco. Isso é que dói.

NOIVA.- Que vens fazer aqui?

LEONARDO.- Ver teu casamento.

NOIVA.- Eu também vi o teu!

LEONARDO.- Amarrado por ti, feito pelas tuas mãos. A mim, podem matar-me, mas não me podem cuspir. E o ouro, — que brilha tanto, — algumas vezes, cospe.

NOIVA.- Mentira!

LEONARDO.- Não quero falar, porque sou homem de sangue, e não quero que todos estes montes ouçam minhas vozes.

NOIVA.- As minhas seriam mais fortes.

CRIADA.- Esta conversa não pode continuar. Tu não tens que falar do passado. (*A CRIADA olha para as portas, inquieta*).

NOIVA.- Ela tem razão. Nem sequer te devo falar. Mas sinto um refterver na alma, porque me vens ver, e espiar o meu casamento, e perguntas com intenção pelas flores de laranjeira. Vai-te, e espera por tua mulher, à porta.

LEONARDO.- Tu e eu não podemos, então, falar?

CRIADA (*Com raiva*).- Não; não podeis falar.

LEONARDO.- Depois do meu casamento, tenho pensado noite e dia de quem era a culpa; e cada vez que penso, sai uma culpa nova, que come a outra. Mas sempre há culpa!

NOIVA.- Um homem com seu cavalo sabe muito e pode muito para abusar de uma rapariga metida num deserto. Mas eu tenho orgulho. Por isso, me caso. E viverei encerrada com meu marido, a quem tenho de amar sobre todas as coisas.

LEONARDO.- De nada te servirá o orgulho (*Aproxima-se*).

NOIVA.- Não te acerques!

LEONARDO.- Calar e consumir-se, é o maior castigo a que nos podemos condenar. De que me serviu a mim o orgulho, e o não te olhar, e o deixar-te acordada noites e noites? De nada! Serviu para abrasar-me. Porque tu acreditas que o tempo cura e as paredes tapam, e não é verdade, não é verdade! Quando as coisas chegam ao fundo, não há quem as arranque!

NOIVA (*Tremendo*).- Não te posso ouvir. Não posso ouvir tua voz. É como se bebesse uma garrafa de anis e adormecesse numa colcha de rosas. E arrasta-me, e sei que me afofo, mas vou atrás dela.

CRIADA (*Agarrando LEONARDO pela lapela*). Deves ir-te embora agora mesmo.

LEONARDO.- É a última vez que lhe falo. Não tenhas medo.

NOIVA.- E sei que estou louca, e sei que tenho o coração podre de agüentar, e aqui estou quieta, — por ouvi-lo, por vê-lo menear os braços.

LEONARDO.- Não fico tranqüilo, se não te digo estas coisas. Eu me casei. Casa-te tu agora.

CRIADA (*A LEONARDO*).- Pois casa-se!

VOZES (*Cantando mais perto*)  
— Desperte a noiva  
na manhã da boda.

NOIVA.- Desperte a noiva!

(*Sai correndo para o seu quarto.*)

CRIADA.- Já cá está o povo (*A LEONARDO*). Não tornes a aproximar-te dela.

LEONARDO.- Não te preocupes (*Sai pela esquerda*).  
(*Começa a clarear o dia.*)

1.<sup>a</sup> RAPARIGA

Desperte a noiva  
Na manhã da boda;  
e ande à roda:  
em cada sacada,  
uma coroa.

VOZES

Desperte a noiva!

CRIADA (*Fazendo algazarra*)  
Que desperte  
com o ramo verde  
do amor florido.

Que desperte  
pelo tronco e a rama  
dos loureiros!

2.<sup>a</sup> RAPARIGA (*Entrando*)  
Que desperte!  
Cabelos compridos,  
camisa de neve,  
botas de verniz e prata  
e jasmim na testa.

CRIADA  
Ai, pastora,  
que a lua assoma!

1.<sup>a</sup> RAPARIGA  
Ai, rapaz,  
deixa teu chapéu pelos olivais!

1.<sup>o</sup> RAPAÇ (*Entrando com o chapéu levantado*)  
Desperte a noiva,  
que pelos campos vem  
rodando a boda  
com bandeja de dalias  
e pães de glória.

VOZES  
Desperte a noiva!

2.<sup>a</sup> RAPARIGA  
A noiva  
Já pôs sua branca coroa,  
e o noivo  
a prende com laços de ouro.

CRIADA  
Na erva cidreira, ai, ai,  
a noiva não dormirá

3.<sup>a</sup> RAPARIGA (*Entrando*)  
Debaixo do laranjal,  
toalha e colher o noivo lhe dá.

(*Entram três convidados.*)

1.<sup>o</sup> RAPAÇ  
Desperta, ó pomba!  
A aurora despeja  
sinos de sombra!

CONVIDADO  
A noiva, a branca noiva  
hoje, donzela,  
amanhã, senhora.

1.<sup>a</sup> RAPARIGA

Desce, morena,  
arrastando a cauda de seda.

CONVIDADO

Desce, moreninha,  
que chove orvalhos a manhã fria.

1.<sup>o</sup> RAPAZ

Despertar, senhora, despertar,  
que as laranjeiras chovem flores no ar.

CRIADA

Quero bordar-lhe uma árvore  
entre fitas escarlates;  
em cada fita, um amor  
com mil vivas em redor.

VOZES

Desperte a noiva.

1.<sup>o</sup> RAPAZ

É a manhã da boda!

CONVIDADO

Na manhã da tua boda  
mui garrida te verão;  
pareces, ó flor dos montes,  
a mulher de um capitão.

PAI (*Entrando*)

A mulher de um capitão  
vai levar consigo o noivo.  
Já vem com seus bois, por esse tesouro.

3.<sup>a</sup> RAPARIGA

O noivo  
parece a flor do ouro.  
Quando caminha,  
a seus pés se juntam  
molhos de cravinas.

CRIADA

Ai, menina ditosa!

2.<sup>o</sup> RAPAZ

Que desperte a noiva!

CRIADA

Ai, minha bela!

1.<sup>a</sup> RAPARIGA

A boda está chamando  
pelas janelas.

2.<sup>a</sup> RAPARIGA  
Que saia a noiva.

1.<sup>a</sup> RAPARIGA  
Que saia, que saia!

CRIADA  
Que toquem e repiquem  
Os sinos!

1.<sup>o</sup> RAPAÇ  
Já vem! Já sai!

CRIADA  
Como um touro, a boda  
levantando-se vai!

(Aparece a NOIVA. Vestido preto 1900 — com  
"cadeiras" e longa cauda rodeada de gaze plissada  
e rendas duras. No penteado de topete, a coroa  
de laranjeira. Soam guitarras, As RAPARIGAS  
beijam a NOIVA.)

3.<sup>a</sup> RAPARIGA.- Que essência puseste no cabelo?

NOIVA (*rindo*).- Nenhuma.

2.<sup>a</sup> RAPARIGA (*Mirando o vestido*).- O pano é o melhor do mundo.

1.<sup>o</sup> RAPAÇ.- Cá está o noivo.

NOIVO.- Salve!

1.<sup>a</sup> RAPARIGA (*Pondo-lhe uma flor na orelha*)  
O noivo  
parece a flor do ouro.

2.<sup>a</sup> RAPARIGA  
Brisas de sossego  
manam de seus olhos!

(O Noivo dirige-se para o lado da NOIVA.)

NOIVA.- Por que puseste esses sapatos?

NOIVO.- São mais alegres que os pretos.

MULHER DE LEONARDO (*Entrando e beijando a NOIVA*).- Salve!  
(*Falam todos com algazarra.*)

LEONARDO (*Entrando, como quem cumpre um dever*)  
— Na manhã do casamento,  
a coroa te poremos,  
para que o campo se alegre  
com o rio do teu cabelo!

MÃE (*Ao PAI*).- Também estão esses aqui?

PAI.- São da família. Hoje é dia de perdões.

MÃE.- Contenho-me, mas não perdôo.

NOIVO.- Com a coroa, dá gosto mirar-te.

NOIVA.- Vamos logo para a igreja.

NOIVO.- Tens pressa?

NOIVA.- Tenho. Estou ansiosa por ser tua mulher, e ficar sozinha contigo, e não ouvir outra voz senão a tua.

NOIVO.- Isso quero eu!

NOIVA.- E não ver senão os teus olhos. E que me abracez tão fortemente que embora me chamasse minha mãe, que está morta, não me pudesse desprender de ti.

NOIVO.- Eu tenho força nos braços. Vou abraçar-te quarenta anos seguidos.

NOIVA (*Dramática, tomando-lhe o braço*).- Sempre!

PAI.- Vamos depressa! Aos carros e às cavalgaduras, que já saiu o sol!

MÃE.- E cuidado! Que não nos aconteça alguma desgraça.  
(*Abre-se o grande portão do fundo. Começam a sair.*)

CRIADA (*Chorando*)  
Ao sair de casa,  
branca donzela,  
lembra-te que saís  
igual a uma estrela...

1.<sup>a</sup> RAPARIGA  
Limpa de corpo e roupa,  
ao sair de casa para tua boda.

2.<sup>a</sup> RAPARIGA  
Já saís de tua casa  
para a igreja!

CRIADA  
E o ar derrama flores  
pelas areias!

3.<sup>a</sup> RAPARIGA  
Ai, branca menina!

CRIADA  
Ar escuro — é a renda  
de sua mantilha!

(*Saem. Ouvem-se guitarras, baquetas e pandeiretas. Ficam a sós LEONARDO e sua MULHER.*)

MULHER.- Vamos.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226-0242 - CEP 90020-025  
(Vão saindo.)

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

LEONARDO.- Aonde?

MULHER.- À igreja. Mas não vais a cavalo. Vens comigo.

LEONARDO.- No carro?

MULHER.- Onde há de ser?

LEONARDO.- Não sou homem para ir de carro.

MULHER.- E eu não sou mulher para ir sem meu marido a um casamento. Já não posso mais!

LEONARDO.- Nem eu tampouco.

MULHER.- Por que me olhas assim? Tens um espinho em cada olho.

LEONARDO.- Vamos!

MULHER.- Não sei o que se passa. Mas penso e não quero pensar. Uma coisa sei. Eu já estou despachada. Mas tenho um filho. E outro que vem. Vamos andando. A mesma sina teve minha mãe. Mas daqui não me movo.

(Vozes fora.)

VIZINHA

Ao sair de casa  
para a igreja,  
lembra-te que saís  
igual a uma estrela!

MULHER (Chorando)

Lembra-te que saís  
igual a uma estrela!

Assim saí eu de minha casa, também. Cabia-me todo o campo na boca.

LEONARDO (Levantando-se).- Vamos.

MULHER.- Mas comigo.

LEONARDO.- Sim (Pausa). Toca a andar! (Saem).

VOZES

Ao sair de casa  
para a igreja  
lembra-te que saís  
igual a uma estrela.

*Cortina lenta*

## SEGUNDO QUADRO

Exterior da "cueva" da NOIVA. Tons brancos acinzentados e azuis frios. Grandes "chumberas". Tons sombrios e prateados. Panorama de mesetas cor de barquilha, tudo endurecido como paisagem de cerâmica popular.

CRIADA (*Arrumando numa mesa taças e bandejas*)

Girava,  
girava a roda  
e a água passava.  
Já que chega a boda,  
que se apartem as ramas  
e a lua se adorne  
em sua branca varanda.

(*Em voz alta.*)

Põe as toalhas!

(*Em voz patética.*)

Cantavam,  
cantavam os noivos  
e a água passava.  
Já que chega a boda,  
que rebrilhe a geada,  
e encham-se de mel  
as amêndoas amargas.

(*Em voz alta.*)

Prepara o vinho!

(*Em voz poética.*)

Lindeza.  
Lindeza da terra,  
Olha como a água passa.  
Já que chega a tua boda,  
recolhe as tuas saias;  
e, na asa do noivo,  
nunca saias de casa.  
Porque o noivo é um pombo  
com todo o peito em brasa,  
e o campo espera o rumor  
do sangue derramado.  
Girava,  
girava a roda  
e a água passeava.  
Já que chega a tua boda,  
Deixe que rebrilhe a água!

MÃE (*Entrando*).- Até que enfim!

PAI.- Somos os primeiros?

CRIADA.- Não. Há bocado chegou Leonardo com sua mulher.  
Correram como demônios. A mulher chegou morta de medo. Fize-  
ram o caminho como se tivessem vindo a cavalo.

PAI.- Esse procura a desgraça. Não tem bom sangue.

MÃE.- Que sangue há de ter? O de toda a sua família. Vem-lhe  
do bisavô, que começou matando, e continua em toda a má ralé,  
de manejadores de faca e gente de sorriso falso.

PAI.- Vamos deixá-lo!

CRIADA.- Como, deixá-lo?

MÃE.- Dói-me até a ponta das veias. Na frente de todos eles, não vejo senão a mão com que mataram o que era meu. Não me vêes, a mim? Não te pareço louca? Pois sou louca por não ter gritado tanto quanto o meu coração precisa. Tenho no meu peito um grito sempre de pé — a que tenho que castigar e meter debaixo dos mantos. Mas os mortos são levados, e tem-se de calar. Depois, o povo critica (*Tira o manto*).

PAI.- Hoje não é dia para te lembrares dessas coisas.

MÃE.- Quando vem à baila, tenho que falar. E hoje, mais. Porque hoje vou ficar sozinha em minha casa.

PAI.- À espera de te veres acompanhada.

MÃE.- Essa é a minha ilusão: os netos (*Sentam-se*).

PAI.- Eu quero que tenham muitos. Esta terra precisa de braços que não sejam dos que se pagam. É preciso lutar com as ervas ruins, com os cardos, com o cascalho que sai não se sabe de onde. E esses braços têm de ser dos donos, que castiguem e que dominem, que façam brotar as sementes. Precisa-se de muitos filhos.

MÃE.- E alguma filha! Os varões são do vento. Têm, por força, que manejar armas. As meninas nunca saem à rua.

PAI (*Alegre*).- Eu creio que terão de tudo.

MÃE.- Meu filho se encarregará disso. É de boa semente. Seu pai poderia ter tido comigo muitos filhos.

PAI.- O que eu quisera é que isto fosse coisa de um dia. Que tivessem logo dois ou três homens.

MÃE.- Mas não é assim. Demora muito. Por isso é tão terrível ver-se o nosso sangue derramado pelo chão. Uma fonte que corre um minuto e a nós nos custou anos. Quando cheguei a ver meu filho, estava caído no meio da rua. Molhei minhas mãos no sangue, e lambi-as com a língua. Porque era meu. Tu não sabes o que é isso. Numa custódia de cristal e topázios, botaria eu a terra empapada por ele.

PAI.- Agora tens que esperar. Minha filha é ancha e teu filho é forte.

MÃE.- Assim espero (*Levantam-se*).

PAI.- Prepara as bandejas de trigo.

CRIADA.- Estão prontas.

MULHER DE LEONARDO (*Entrando*).- Que seja para bem!

MÃE.- Obrigada.

LEONARDO.- Vai haver festa?

PAI.- Pouca. O povo não pode demorar.

CRIADA.- Já estão aqui.

*(Vão entrando CONVIDADOS em alegres grupos. En-  
tram os NOIVOS, de braço. Sai LEONARDO.)*

NOIVO.- Em nenhuma boda se viu tanta gente.

NOIVA (*Sombria*).- Em nenhuma.

PAI.- Foi pomposa.

MÃE.- Vieram ramos inteiros de famílias.

NOIVO.- Gente que não saía de sua casa.

MÃE.- Teu pai semeou muito, e agora o recolhes tu.

NOIVO.- Vieram primos meus que eu já não conhecia.

MÃE.- Toda a gente da costa.

NOIVO (*Alegre*).- Espantavam-se com os cavalos.

*(Falam.)*

MÃE (*À NOIVA*).- Em que pensas?

NOIVA.- Não penso em nada.

MÃE.- As bênçãos pesam muito.

*(Ouvem-se guitarras.)*

NOIVA.- Como chumbo.

MÃE (*Forte*)- Mas não te hão de pesar. Leve como pomba  
deves ser.

NOIVA.- A senhora fica esta noite aqui?

MÃE.- Não. Minha casa está só.

NOIVA.- Devia ficar!

PAI (*À MÃE*).- Olha o baile que armaram. Bailes de lá da banda  
do mar.

*(Vem LEONARDO e senta-se. Sua MULHER, atrás  
dele, em atitude rígida.)*

MÃE.- São os primos de meu marido. Duros como pedras, para  
a dança.

PAI.- Alegra-me vê-los. Que mudança, para esta casa! (*Vai-se*).

NOIVO (*À NOIVA*).- Gostaste das flores de laranjeira?

NOIVA (*Fitando-o firmemente*)- Gostei.

NOIVO.- São todas de cera. Duram sempre. Gostaria que as le-  
vasses pelo vestido todo.

NOIVA.- Não fazem falta.

(*Mutis LEONARDO pela direita.*)

1.<sup>a</sup> RAPARIGA.- Vamos tirar-te os alfinetes.

NOIVA (*Ao NOIVO*).- Já volto.

MULHER.- Que sejas feliz com minha prima!

NOIVO.- Tenho certeza.

MULHER.- Os dois, aqui; sem sair nunca; e a levantar a casa!  
Oxalá vivesse eu também assim tão longe!

NOIVO.- Por que não comprais terras? O monte é barato, e os filhos se criam melhor.

MULHER.- Não temos dinheiro. E no andar em que vamos...

NOIVO.- Teu marido é um bom trabalhador.

MULHER.- É. Mas gosta muito de variar. Ir de uma coisa para outra. Não é homem tranqüilo.

CRIADA.- Não tomais nada? Vou embrulhar umas roscas de vinho para tua mãe, que gosta muito.

NOIVO.- Põe-lhe três dúzias.

MULHER.- Não, não. Meia, já é bastante.

NOIVO.- Um dia não são dias!

MULHER (*Para a CRIADA*).- E Leonardo?

CRIADA.- Não o vi.

NOIVO.- Deve estar com o povo.

MULHER.- Vou ver! (*Sai*).

CRIADA.- Aquilo está lindo.

NOIVO.- E tu, não danças?

CRIADA.- Não há quem me venha tirar.

(*Passam ao fundo duas RAPARIGAS; durante todo este ato, o fundo será um animado cruzar de figuras.*)

NOIVO (*Alegre*).- Isto é que se chama não entender. As velhas frescas como tu bailam melhor que as moças.

CRIADA.- Agora me vais dizer gracinhas, menino? Que família, a tua! Machos de verdade! Em pequena, vi a boda de teu avô. Que figura! Parecia assim como se um monte se fosse casar.

NOIVO.- Eu não sou tão alto.

CRIADA.- Mas o mesmo brilho nos olhos. E a menina?

NOIVO.- Tirando o toucado.

CRIADA.- Ah, olha: lá para a meia-noite, — como não dormireis, — preparei presunto para os dois, e uns copos grandes de vinho velho. Na parte de baixo do armário. — Para o caso de necessitarem.

NOIVO (*Sorrindo*).- Não como à meia-noite.

CRIADA (*Com malícia*).- Se não comeres, fica para a noiva (*Sai*).

1.º RAPAZ (*Entrando*).- Tens de beber conosco!

NOIVO.- Estou esperando a noiva.

2.º RAPAZ.- De madrugada a terás.

1.º RAPAZ.- Que é quando é melhor.

2.º RAPAZ.- Um momento.

NOIVO.- Vamos.

(*Saem. Ouve-se grande algazarra. Entra a NOIVA. Pelo lado oposto vêm duas RAPARIGAS correndo, ao seu encontro.*)

1.ª RAPARIGA.- A quem deste o primeiro alfinete? A mim ou a ela?

NOIVA.- Não me lembro.

1.ª RAPARIGA.- A mim o deste aqui.

2.ª RAPARIGA.- A mim, diante do altar.

NOIVA (*Inquieta e numa grande luta interior*).- Não sei nada.

1.ª RAPARIGA.- É porque eu queria que tu...

NOIVA (*Interrompendo*).- Nem me importa. Tenho muito que pensar.

2.ª RAPARIGA.- Perdoa.

(*LEONARDO atravessa o fundo.*)

NOIVA (*Vê LEONARDO*).- E estes momentos são agitados.

1.ª RAPARIGA.- Nós não sabemos nada!

NOIVA.- Haveis de saber, quando chegar a vossa hora. Estes passos são passos que custam muito.

1.ª RAPARIGA.- Estás desgostosa?

NOIVA.- Não, perdoai-me.

2.ª RAPARIGA.- O quê? — Mas os dois alfinetes servem para casar, não é?

NOIVA.- Todos dois.

1.ª RAPARIGA.- Apenas, uma se casa antes da outra.

NOIVA.- Tendes tanta vontade assim?  
 2.<sup>a</sup> RAPARIGA (*Envergonhada*).- Tenho.  
 NOIVA.- Para quê?  
 1.<sup>a</sup> RAPARIGA.- Para... (*Abraçando a segunda*).  
 (*Saem correndo as duas. Chega o NOIVO e muito devagar abraça a NOIVA, por detrás.*)  
 NOIVA (*Muito sobressaltada*).- Larga-me!  
 NOIVO.- Tens medo de mim?  
 NOIVA.- Ah, eras tu!  
 NOIVO.- Quem havia de ser? (*Pausa*). Teu pai ou eu.  
 NOIVA.- É mesmo.  
 NOIVO.- Só que teu pai te abraçaria mais de leve.  
 NOIVA (*Sombria*).- Claro!  
 NOIVO (*Abraça-a fortemente, de modo um pouco brusco*).- Porque é velho.  
 NOIVA (*Secamente*). Deixa-me!  
 NOIVO.- Por quê? (*Deixa-a*).  
 NOIVA.- Porque... essa gente. Podem ver-nos.  
 (*Torna a passar no fundo a CRIADA, que não olha para os NOIVOS.*)  
 NOIVO.- Que tem? Já é sagrado.  
 NOIVA.- É. Mas deixa-me... Logo.  
 NOIVO.- Que tens? Estás como assustada!  
 NOIVA.- Não tenho nada. Não te vás.  
 (*Entra a MULHER de LEONARDO.*)  
 MULHER.- Não quero interromper...  
 NOIVO.- Fala.  
 MULHER.- Passou por aqui meu marido?  
 NOIVO.- Não.  
 MULHER.- É que não o encontro, e o cavalo também não está na estrebaria.  
 NOIVO (*Alegre*).- Deve andar dando alguma carreira.  
 (*Sai a MULHER, inquieta. Entra a CRIADA.*)  
 CRIADA.- Não estais satisfeitos, com tantos cumprimentos?  
 NOIVO.- Estou desejando que isto acabe. A noiva está um pouco cansada.

CRIADA.- Que é isso, menina?  
 NOIVA.- Sinto como uma pancada nas fontes.  
 CRIADA.- Uma noiva destes montes deve ser forte. (*Ao NOIVO*). Tu és o único que a podes curar, porque te pertence (*Sai correndo*).  
 NOIVO (*Abraçando-a*).- Vamos um bocadinho ao baile (*Beija-a*).  
 NOIVA (*Angustiada*).- Não. Queria deitar-me um pouco.  
 NOIVO.- Irei fazer-te companhia.  
 NOIVA.- Nunca! Com toda a gente aqui! Que diriam? Deixa-me se gar um momento.  
 NOIVO.- Como quiseres. Mas não estejas assim, à noite.  
 NOIVA (*À porta*).- À noite estarei melhor.  
 NOIVO.- É o que eu quero.  
 (*Aparece a MÃE.*)  
 MÃE.- Filho.  
 NOIVO.- Por onde tens andado?  
 MÃE.- Nessa barulhada. — Estás contente?  
 NOIVO.- Estou.  
 MÃE.- E tua mulher?  
 NOIVO.- Está descansando um pouco. Mau dia para as noivas.  
 MÃE.- Mau? O único bom. Para mim foi como uma herança.  
 (*Entra a CRIADA e dirige-se ao quarto da NOIVA*). É a abertura da terra, o plantio de árvores novas.  
 NOIVO.- Vais-te embora?  
 MÃE.- Vou. Tenho que estar em casa.  
 NOIVO.- Sozinha?  
 MÃE.- Sozinha, não, — que tenho a cabeça cheia de coisas e de homens e de lutas.  
 NOIVO.- Mas lutas que já não são lutas.  
 (*Entra a CRIADA rapidamente: desaparece correndo pelo fundo.*)  
 MÃE.- Enquanto se vive, luta-se.  
 NOIVO.- Sempre te obedecerei.  
 MÃE.- Com tua mulher procura ser carinhoso e, se te parecer preocupada ou arisca, faze-lhe uma carícia que a machuque um pouco: um abraço forte, uma mordida — e logo um beijo suave.

Que ela não se aborreça, mas sinta que tu és o macho, o amo, que manda. Assim aprendi com teu pai. E como não o tens, sou eu que tenho de te ensinar essas valentias.

NOIVO.- Sempre farei como mandares.

PAI (*Entrando*).- E minha filha?

NOIVO.- Está lá dentro.

1.<sup>a</sup> RAPARIGA.- Venham os noivos, que vamos bailar à roda!

1.<sup>o</sup> RAPAZ (*Ao NOIVO*).- Tu vais dirigi-la.

PAI (*Saindo*).- Aqui não está!

NOIVO.- Não?

PAI.- Deve ter subido para a varanda.

NOIVO.- Vou ver! (*Sai*).

(*Ouve-se algazarra e guitarras.*)

1.<sup>a</sup> RAPARIGA.- Já começaram! (*Sai*)

NOIVO (*Voltando*).- Não está.

MÃE (*Inquieta*).- Não?

PAI.- E aonde pode ter ido?

CRIADA (*Entrando*).- E a menina onde está?

MÃE (*Séria*).- Não sabemos.

(*Entra o NOIVO. Saem três CONVIDADOS.*)

PAI (*Dramático*).- Mas, - não está no baile?

CRIADA.- No baile não está.

PAI (*Num arranço*).- Há muita gente. Olhai!

CRIADA.- Já olhei!

PAI (*Trágico*).- Então, onde está?

NOIVO.- (*Entrando*).- Nada. Em lugar nenhum.

MÃE.- (*Ao PAI*).- Que é isso? Onde está tua filha?

(*Entra a MULHER de LEONARDO.*)

MULHER.- Fugiram! Fugiram! Ela e o Leonardo. A cavalo. Iam abraçados! Como um relâmpago!

PAI.- Não é verdade! Minha filha, não!

MÃE.- Tua filha, sim! Planta de mãe ruim. E ele, ele também. Mas já é a mulher de meu filho!

NOIVO (*Saindo*).- Vamos atrás! Quem tem um cavalo?

ELISIO LE CENSURA DE  
DIVERSOS PÚBLICOS - DPF  
CTF Nº 255

MÃE.- Quem tem um cavalo agora mesmo? Quem tem um cavalo? — que lhe darei tudo que tenho, meus olhos e até minha língua...

VOZ.- Aqui há um.

MÃE (Ao FILHO).- Anda! Atrás! (*Entra com dois rapazes*). Não. Não vás. Essa gente mata depressa, e bem...; ah! mas corre, sim, e eu atrás!

PAI.- Não deve ser ela. Talvez se tenha atirado ao poço.

MÃE.- À água se atiram as honradas, as limpas; — essa, não! Mas já é mulher do meu filho. Dois bandos. Aqui há dois bandos. (*E um todos*). Minha família e a tua. Saí todos daqui! Limpe-me o pó dos sapatos! Vamos ajudar meu filho. (*O povo separa-se em dois grupos*). Porque ele tem sua gente: seus primos do mar, e todos os que chegam do interior. Fora daqui! Por todos os caminhos! Chegou de novo a hora do sangue. Dois bandos. Tu com o teu, e eu com o meu. Atrás! Atrás!

Cortina

## TERCEIRO ATO

### PRIMEIRO QUADRO

Bosque. De noite. Grandes troncos úmidos. Ambiente escuro. Ouve-se violinos. Aparecem três LENHADORES.

1.º LENHADOR.- E encontraram-nos?

2.º LENHADOR.- Não. Mas andam a buscá-los por toda parte.

3.º LENHADOR.- Já vão dar com eles.

2.º LENHADOR.- Psiu!

3.º LENHADOR.- Que é?

2.º LENHADOR.- Parece que se- aproximam, por todos os caminhos ao mesmo tempo.

1.º LENHADOR.- Quando a lua sair, hão de vê-los.

2.º LENHADOR.- Deviam deixá-los.

1.º LENHADOR.- O mundo é grande. Nele todos podem viver.

3.º LENHADOR.- Mas vão matá-los.

2.º LENHADOR.- Deve-se seguir a inclinação: fizeram bem em fugir.

1.º LENHADOR.- Andavam a enganar-se um ao outro e, por fim, o sangue foi mais forte.

3.º LENHADOR.- O sangue!

1.º LENHADOR.- Deve-se seguir o caminho do sangue.

2.º LENHADOR.- Mas sangue que vê luz é bebido pela terra.

1.º LENHADOR.- E que tem isso? Mais vale morrer dessangrado que viver com ele podre.

3.º LENHADOR.- Calar.

1.º LENHADOR.- Que é? Ouves alguma coisa?

3.º LENHADOR.- Ouço os grilos, as rãs, a noite de emboscada.

1.º LENHADOR.- Mas o cavalo não se sente.

3.º LENHADOR.- Não.

DIVISÃO DE REGISTRO DE  
BENS PÚBLICOS - DPF  
CTF Nº 255

- 1.º LENHADOR.- Agora deve estar sendo amada.
- 2.º LENHADOR.- O corpo dela era para ele, e o corpo dele para ela.
- 3.º LENHADOR.- Andam atrás deles, e vão matá-los.
- 1.º LENHADOR.- Mas já terão misturado seus sangues, e serão como os cântaros vazios, como os arroios secos.
- 2.º LENHADOR.- Há muitas nuvens, e não será difícil que a lua não saia.
- 3.º LENHADOR.- O noivo os encontrará, com lua ou sem lua. Eu o vi. Como uma estrela furiosa. A cara cor de cinza. Mostrava a sina de sua casta.
- 1.º LENHADOR.- Sua casta de mortos no meio da rua.
- 2.º LENHADOR.- Assim é.
- 3.º LENHADOR.- Achas que conseguirão romper o cerco?
- 2.º LENHADOR.- É difícil. Há facas e escopetas por dez léguas em redor.
- 3.º LENHADOR.- Ele leva um bom cavalo.
- 2.º LENHADOR.- Mas leva uma mulher.
- 1.º LENHADOR.- Já estamos perto.
- 2.º LENHADOR.- Uma árvore de quarenta ramos. Daqui a pouco a cortaremos.
- 3.º LENHADOR.- Vem saindo a lua. Vamos andar mais depressa.  
(Surge pela esquerda uma claridade.)
- 1.º LENHADOR  
Ai, lua que sais.  
Lua das folhas grandes.
- 2.º LENHADOR  
Enche de jasmims o sangue.
- 1.º LENHADOR  
Ai, lua sozinha,  
lua das verdes folhas.
- 2.º LENHADOR  
Prata na cara da noiva.
- 3.º LENHADOR  
Ai, lua malvada,  
deixa para o amor a escura rama.
- 1.º LENHADOR  
Ai, triste lua!  
deixa para o amor a rama escura.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-00

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

*(Vão-se embora. Pela claridade da esquerda, aparece a LUA. A LUA é um lenhador jovem, de cara branca. A cena adquire um vivo esplendor azul.)*

LUA

Cisne redondo no rio,  
olho de alta catedral,  
aurora falsa nas folhas  
sou; não podem escapar.  
Quem se esconde? Quem soluça  
no vale, entre os matagais?  
A lua deixa uma faca  
abandonada no ar,  
que sendo espreita de chumbo  
dor de sangue almeja ser.  
Deixai-me entrar. Venho fria  
de paredes e cristais.  
Abri telhados e peitos  
onde me possa aquecer.  
Tenho frio, minhas cinzas  
de sonolentos metais  
buscam a crista de fogo  
por qualquer parte e lugar.  
Mas quem me conduz é a neve,  
em suas costas de jaspe;  
duras e frias, me afogam  
águas de tanques fatais.  
Mas esta noite terão  
minhas faces rubro sangue,  
— e os juncos que se reúnem  
cercando os largos pés do ar.  
Nem sombra nem emboscada  
que lhes permita escapar!  
Pois desejo entrar num peito  
que calor me possa dar!  
Um coração para mim!  
Ardente! que se derrame  
pelos montes de meu peito;  
deixai-me — ai! deixai-me entrar!

*(As ramas.)*

Não quero sombras. Meus raios  
hão de entrar por toda parte.  
Que haja nos troncos escuros  
um rumor de claridade  
para que esta noite tenham  
morno sangue minhas faces,  
e os juncos que se reúnem  
prendendo os largos pés do ar.  
Quem se oculta? Para fora!

Não, não podem escapar!  
Numa febre de diamantes  
há de o cavalo brilhar.

*(Desaparece entre os troncos, e a cena volta à sua tonalidade escura. Aparece uma velha, toda coberta por tênues panos verde-escuros. Está descalça. Mal se lhe poderá ver o rosto, por entre as pregas. Esta personagem não figura na distribuição.)*

MENDIGA

Essa lua se vai, e eles se acercam.  
Daqui não passam. O rumor do rio  
apagará com o rumor dos troncos  
o desgarrado vôo de seus gritos.  
Vai ser aqui, e em breve. Estou cansada.  
Já se abriram os cofres — brancos fios  
esperam estendidos pela alcova  
corpos pesados, de colo ferido.  
Não desperte um só pássaro! E que a aragem  
recolhendo em seu manto esses gemidos  
fuja com eles pelas negras copas,  
ou os enterre pelos brandos limos.

*(Impaciente.)*

Essa lua, essa lua!

*(Aparece a LUA. Volta a luz azul intensa.)*

LUA

Já se aproximam.  
Uns pela canada e outros pelo rio.  
Vou iluminar as pedras. De que precisas?

MENDIGA

De nada.

LUA

O ar vem chegando, duro, com dois gumes.

MENDIGA

Ilumina o jaleco e aparta os botões, —  
que depois as navalhas já sabem o caminho.

LUA

Mas que demorem muito a morrer. Que o sangue  
entre os meus dedos ponha seu delicado silvo  
Olha que já despertam os meus vales de cinza,  
sequiosos desta fonte de jorro palpitante.

MENDIGA

Não deixemos que passem o arroio. Silêncio!

LUA

Lá vêm eles!

*(Retira-se. O palco fica às escuras.)*

MENDIGA

Depressa. Muita Luz! Ouviste-me?  
Não podem escapar.

(*Entram o NOIVO e o 1.º RAPAZ; a MENDIGA senta-se e tapa-se com o manto.*)

NOIVO.- Por aqui.

1.º RAPAZ.- Não os encontrarás.

NOIVO (*Enérgico*).- Hei de encontrá-los, sim.

1.º RAPAZ.- Creio que se foram por outro caminho.

NOIVO.- Não. Há pouco senti um galope.

1.º RAPAZ.- Seria outro cavalo.

NOIVO (*Dramático*).- Ouve. Não há senão um cavalo no mundo, — e é este. Compreendes? Se me acompanhas, acompanha-me sem falar.

1.º RAPAZ.- Queria...

NOIVO.- Cala-te. Tenho certeza de que os encontrarei aqui. Estás vendo este braço. Pois não é o meu braço. É o braço de meu irmão, e o de meu pai, e o de toda minha família que está morta. E tem tanto poder que é capaz de arrancar esta árvore com a raiz, querendo. E vamos depressa, que sinto os dentes de todos os meus cravados aqui de tal maneira que me é impossível respirar tranqüilo.

MENDIGA (*Queixando-se*).- Ai!

1.º RAPAZ.- Ouviste?

NOIVO.- Vai por aqui, e dá a volta.

1.º RAPAZ.- Isto é uma caçada.

NOIVO.- Uma caçada. — A maior que se pode fazer.

(*Retira-se o RAPAZ. O NOIVO dirige-se rapidamente para a esquerda, e dá com a MENDIGA. A Morte.*)

MENDIGA.- Ai!

NOIVO.- Que queres?

MENDIGA.- Tenho frio.

NOIVO.- Para onde vais?

MENDIGA (*Sempre se queixando como uma MENDIGA*).- Lá para longe.

NOIVO.- De onde vens?

MENDIGA.- Dali... de muito longe.

NOIVO.- Viste um homem e uma mulher que corriam montados num cavalo?

MENDIGA (*Despertando*).- Espera... (*Fita-o*). Belo rapaz (*Levanta-se*). Muito mais belo se estivesse dormindo.

NOIVO.- Fala, responde, viste-os?

MENDIGA.- Espera... Que ombros tão largos. Por que não preferes estar deitado nele em lugar de andares sobre as plantas dos pés, que são tão pequenas?

NOIVO (*Sacudindo-a*).- Pergunto-te se os viste. Passaram por aqui?

MENDIGA (*Enérgica*).- Não passaram. Mas estão saindo da colina. Não estás ouvindo?

NOIVO.- Não.

MENDIGA.- Não conheces o caminho?

NOIVO.- Irei, seja como for.

MENDIGA.- Irei contigo. Conheço esta terra.

NOIVO (*Impaciente*).- Então vamos. Por onde?

MENDIGA (*Dramática*).- Por ali.

*(Saem rápidos. Ouvem-se, longe, dois violinos que significam o bosque. Voltam os lenhadores. Vão de machado ao ombro. Passam lentos, entre os troncos.)*

1.º LENHADOR

Ai, morte que sais!  
Morte das folhas grandes.

2.º LENHADOR

Não abras o jorro do sangue.

1.º LENHADOR

Ai, morte solitária!  
Morte das secas folhas.

3.º LENHADOR

Não cubras de flores a boda.

2.º LENHADOR

Ai triste morte!  
Deixa para o amor a rama verde.

1.º LENHADOR

Morte malvada!  
Deixa para o amor a verde rama.

*(Vão saindo, enquanto falam. Aparecem LEONARDO e a NOIVA.)*

LEONARDO

Cala-te.

NOIVA

Irei sozinha, daqui!  
Vai. Quero saber que voltas.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226-0242 - CEP 90020-025

LEONARDO

Cala-te, — estou dizendo.

NOIVA

Com os dentes,  
com as mãos, como puderes,  
tira de meu colo honrado  
o metal desta cadeia,  
e deixa-me enclausurada  
em minha casa de terra.  
Se não me queres matar  
como víbora pequena,  
põe nas minhas mãos de noiva  
o gatilho da escopeta.  
Ai, que lamento, que fogo  
me sobe pela cabeça!  
Que vidros cravam minha língua presa.

LEONARDO

Já demos o passo. Cala-te!  
— porque nos seguem de perto,  
e hei de levar-te comigo.

NOIVA

Mas terá de ser à força.

LEONARDO

À força? — Mas quem desceu  
primeiro os degraus da escada?

NOIVA

Fui eu que descí.

LEONARDO

Quem pôs  
rédeas novas no cavalo?

NOIVA

Eu mesma, é certo.

LEONARDO

Que mãos  
me prenderam as esporas?

NOIVA

As minhas mãos, que são tuas,  
mas que, ao ver-te, queriam  
quebrar os ramos azuis  
e o rumor de tuas veias.  
Quero-te, quero-te. Afasta-te,  
que — se matar-te pudesse —  
em mortalha te envolvera  
com beiradas de violetas.

SECRETARIA DE CULTURA DE  
DIRETORIA DE BIBLIOTECAS - DPF  
CTF Nº 255

Ai que lamento, que fogo  
me sobe pela cabeça!

LEONARDO

Que vidros cravam minha língua presa!  
Porque eu te quis esquecer,  
e pus um muro de pedra  
entre a tua casa e a minha.  
É verdade. — Não te lembrás?  
E quando te vi de longe,  
enchi meus olhos de areia.  
Mas, se montava a cavalo,  
em tua porta me achava —  
Tornou-se o sangue negro,  
com alfinetes de prata.  
E o sonho me foi cobrindo  
as carnes de erva daninha.  
Pois a culpa não é minha.  
A culpa, a culpa é da terra  
e do cheiro que desprendem  
teus peitos e tuas tranças.

NOIVA

Ai que loucura! Não quero  
contigo cama nem ceia,  
e o dia não tem minuto  
que estar contigo não queira.  
Porque me arrastas, e sigo  
e se me dizes que venha,  
eu te acompanho nos ares  
como um fiapinho de erva.  
Deixei um homem austero  
mais a sua descendência,  
no meio da nossa boda,  
de coroa na cabeça,  
Receberás o castigo,  
E não quero que o recebas.  
Deixa-me sozinha, foge!  
Que não tens quem te defenda.

LEONARDO

Já os pássaros da aurora  
pelas árvores se quedam.  
A noite já vai morrendo,  
no fino gume de pedra.  
Vamos a um lugar escuro  
onde para sempre sejas  
minha. — Não me importe o povo  
nem o veneno que deita.

(Abraça-a fortemente.)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

NOIVA

E eu dormirei a teus pés  
para guardar o que sonhas.  
Nua, contemplando o campo,

(Dramática.)

como se fora uma perra.  
E é o que sou! — Pois, se te miro,  
me abrasa tua beleza.

LEONARDO

Fogo com fogo se abrasa.  
A mesma chama pequena  
a duas espigas mata.  
Vamos!

(Arrasta-a.)

NOIVA

E aonde me levas?

LEONARDO

Aonde não possam ir  
esses homens que nos cercam.  
Onde possa contemplar-te!

NOIVA (*Sarcástica*)

Leva-me de feira em feira,  
— ai dor de mulher honrada! —  
para que as gentes me vejam  
com os lençóis da minha boda  
nos ares, como bandeiras.

LEONARDO

Também te quero deixar,  
pensando como se pensa.  
Mas vou por onde tu vais.  
Tu também. Experimenta.  
Dá um passo! — Cravos de lua  
a ambos nos estão pregando:  
meu cinto e tuas cadeiras.

(Toda esta cena é violenta, cheia de grande sensualidade.)

NOIVA

Ouviste?

LEONARDO

Vem gente.

NOIVA

Foge!

É justo que aqui pereça.  
E que me chorem as folhas,  
— mulher perdida e donzela —

— Pés metidos dentro d'água,  
espinhos pela cabeça.

LEONARDO

Cala-te! Já sobem!

NOIVA

Vai-te.

LEONARDO

Silêncio. Que não nos sintam!  
Tu na frente! Vamos, anda.

(A NOIVA hesita.)

NOIVA

Os dois juntos.

LEONARDO (*Abraçando-a*)

Como queiras.

Se nos separam, será  
porque estou morto.

NOIVA

E estou morta.

(*Saem abraçados. Aparece a LUA muito devagar. A cena fica sob uma forte luz azul. Ouvem-se os dois violinos. Bruscamente, ouvem-se dois longos gritos lancinantes, e cessa a música dos violinos. Ao segundo grito, aparece a MENDIGA e fica de costas. Abre o manto, e fica no meio, como um grande pássaro de asas imensas. A LUA detém-se. A Cortina desce em meio a um silêncio absoluto.*)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90070-025

#### ÚLTIMO QUADRO

Sala branca, com arcos e paredes grossas. À direita e à esquerda, escadas brancas. Grande arco no fundo, e parede da mesma cor. O chão será também de um branco reluzente. Esta sala simples terá um sentido monumental de igreja. Não haverá nenhum cinzento, nenhuma sombra, nem sequer o necessário à perspectiva. Duas RAPARIGAS vestidas de azul-escuro estão enovelando uma meada encarnada.

1.<sup>a</sup> RAPARIGA

Meada, meada,  
que queres fazer?

2.<sup>a</sup> RAPARIGA

Jasmim de vestido,  
cristal de papel.  
Nascer pelas quatro,  
morrer pelas dez.

Ser fio de lã,  
cadeia a teus pés,  
e laço que aperte  
amargos lauréis.

MENINA (*Cantando*)  
Fostes à boda?

1.<sup>a</sup> RAPARIGA  
Não.

MENINA  
Nem eu.  
Que se passaria  
pelo ramo de oliva?  
Pelas hastes da vinha?  
Que se passaria  
Que se passou,  
que ninguém voltou?  
Fostes à boda?

2.<sup>a</sup> RAPARIGA  
Já dissemos que não.

MENINA (*Indo embora*)  
Nem eu. Nem eu.

2.<sup>a</sup> RAPARIGA  
Meada, meada,  
que queres cantar?

1.<sup>a</sup> RAPARIGA  
Feridas de cera  
mirto de aflição,  
de manhã, dormir;  
de noite, velar.

MENINA (*À porta*)  
O fio tropeça  
pelo pedernal.  
Os montes azuis  
o deixam passar.  
Corre, corre, corre;  
por fim chegará:  
A faca — é de pôr;  
o pão, de tirar.

(*Vai-se.*)

2.<sup>o</sup> RAPARIGA  
Meada, meada,  
Que queres dizer?

1.<sup>a</sup> RAPARIGA

Amantes sem fala,  
noivo carmesim,  
na margem calada,  
estendidos vi.

(Detém-se, mirando a meada.)

MENINA (*Aparecendo à porta*)

Corre, corre o fio,  
corre até aqui.  
Cobertos de barro,  
já os sinto vir.  
Corpos estirados,  
panos de marfim.

(*Vai-se. Aparecem a MULHER e a SOGRA de LEONARDO. Chegam angustiadas.*)

1.<sup>a</sup> RAPARIGA

Já vêm?

SOGRA (*Áspera*)

Não sabemos.

2.<sup>a</sup> RAPARIGA

Que contaís da boda?

1.<sup>a</sup> RAPARIGA

Dizei.

SOGRA (*Seca*)

Nada.

MULHER

Quero voltar, para saber tudo.

SOGRA (*Enérgica*)

Tu, para a tua casa;  
valente e só, em tua casa.  
A envelhecer e a chorar.  
Mas tua porta fechada.  
Nunca. Nem morto nem vivo.  
Pregaremos as janelas.  
E venham chuvas e noites  
por sobre as ervas amargas.

MULHER

Que aconteceu?

SOGRA

Não te importes  
Deita pela cara um véu.  
Teus filhos, teus filhos são.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Nada mais. Em tua cama  
desenha uma cruz de cinza  
onde era a sua almofada.

(Saem.)

MENDIGA (*À porta*)

Um pedaço de pão, raparigas.

MENINA

Vai-te embora.

(Agrupam-se as RAPARIGAS.)

MENDIGA

Por quê?

MENINA

Porque tu gemes! — Vai-te embora.

1.<sup>a</sup> RAPARIGA

Menina!

MENDIGA

Posso pedir teus olhos! Uma nuvem  
de pássaros me segue. Queres um!

MENINA

Eu quero ir-me embora.

2.<sup>a</sup> RAPARIGA (*À MENDIGA*)

Não faças caso.

1.<sup>a</sup> RAPARIGA

Vieste pelo caminho do arroio?

MENDIGA

Por ali vim.

1.<sup>a</sup> RAPARIGA

E posso perguntar-te...?

MENDIGA

Eu os vi — chegando breve — são dois rios  
quietos, enfim, por entre as pedras grandes.  
São dois homens nas patas do cavalo.  
Mortos no meio do esplendor da noite.

(Com delícia.)

Mortos, sim, mortos.

1.<sup>a</sup> RAPARIGA

Velha, velha, cala-te.

MENDIGA

Flores rotas, os olhos — e seus dentes,  
dois punhados de neve endurecida.  
Os dois caíram. Só voltou a noiva.

com a cabeleira e a saia, tudo em sangue.

Cobertos vêm por mantas. Chegam  
agora, aos ombros de rapazes altos.

Assim foi. Nada mais. Tinha de ser.

Por cima da flor do ouro — suja areia.

(Retira-se. As RAPARIGAS inclinam a cabeça, e  
ritmicamente vão saindo.)

1.<sup>a</sup> RAPARIGA

Suja areia.

2.<sup>a</sup> RAPARIGA

Sobre a flor do ouro.

MENINA

Sobre a flor do ouro  
trazem os mortos do arroio.

Moreninho é um.

Moreninho é o outro.

Que rouxinol de sombra voa e geme

Sobre a flor do ouro!

(Sai. A cena fica vazia. Aparece a MÃE com  
uma VIZINHA. A VIZINHA vem chorando.)

MÃE.- Cala-te.

VIZINHA.- Não posso.

MÃE.- Cala-te, já disse (*À porta*). Não há ninguém aqui? (*Leva as mãos à testa*). Meu filho deveria responder-me. Mas meu filho já é uma braçada de flores secas. Meu filho já é uma voz escura, detrás dos montes (*Com raiva, à VIZINHA*). Queres calar-te? Não quero choro nesta casa. Vossas lágrimas são lágrimas dos olhos, nada mais, e as minhas virão, quando eu estiver só, das plantas dos meus pés, de minhas raízes, e serão mais ardentes do que o sangue.

VIZINHA.- Vem para a minha casa. Não fiques aqui.

MÃE.- Aqui, aqui quero ficar. E tranqüila. Já todos estão mortos. meia-noite, dormirei, dormirei sem que já me aterrem nem escopeta nem faca. Outras mães assomarão às janelas, açoitadas pela chuva, para verem o rosto de seus filhos. Eu, não. Eu farei com meu sonho uma fria pomba de marfim, que leve camélias de geada para o campo santo. Mas, não; campo santo, não; campo santo, não. Leito de terra, cama que os abriga e os embala pelo céu. (*Entra uma MULHER de negro que se dirige para a esquerda e ali se ajoelha. À VIZINHA*) — Tira as mãos da cara. Havemos de passar dias terríveis. Não quero ver ninguém. A Terra e eu. Meu pranto e eu. E estas quatro paredes. Ai! Ai! (*Senta-se transida*).

VIZINHA.- Tem piedade de ti mesma.

MÃE (*Deitando o cabelo para trás*).- Hei de ficar serena. — Porque as vizinhas vão chegar, e não quero que me vejam tão pobre. Tão pobre! Uma mulher que não tem um filho, sequer, que possa levar aos lábios.

(*Aparece a NOIVA. Sem flores de laranjeira e com um manto negro.*)

VIZINHA (*Vendo a NOIVA, com raiva*).- Aonde vais?

NOIVA.- Para aqui venho.

MÃE (*À VIZINHA*).- Quem é?

VIZINHA.- Não a reconheces?

MÃE.- Por isso pergunto quem é. Porque não a devo reconhecer, para não lhe cravar os dentes no pescoço. Vá-bora. (*Dirige-se para a NOIVA com gestos fulminantes: detém-se. À VIZINHA*). Vês? Está aqui, e está chorando, e eu quieta, sem lhe arrancar os olhos. Não me entendo. Será que eu não queria a meu filho? Mas, e a sua honra? Onde está a sua honra?

(*Bate na NOIVA, que cai.*)

VIZINHA.- Pelo amor de Deus! (*Trata de separá-las*).

NOIVA (*À VIZINHA*).- Deixa-a! Vim para que me mate e me levem com eles (*À MÃE*). Mas não com as mãos; com um forcado, com uma foice, e com força, até que se rompa em meus ossos. Deixa-a! Quero que saiba que sou limpa, que estarei louca, mas que me podem enterrar sem que nenhum homem se tenha mirado na claridade de meu peito.

MÃE.- Cala-te, cala-te, que me importa isso, a mim?

NOIVA.- Porque eu me fui com o outro, me fui (*Com angústia*). Tu também terias ido. Eu era uma mulher abrasada, cheia de chagas por dentro e por fora, e teu filho era um pouquinho de água, de quem eu esperava filhos, terra, saúde; mas o outro era um rio escuro, cheio de ramas, que aproximava de mim o rumor de seus juncos e seu cantar entre dentes. E eu corria com teu filho, como quem levasse uma criancinha de água e o outro me mandava centenas de pássaros que me impediam de andar, e deitavam escória nas minhas feridas de pobre mulher emurchecida, de rapariga sacrificada pelo fogo. Eu não queria, — escuta bem! — eu não queria. Teu filho era o meu fim e eu não o enganei; mas o braço do outro me arrastou como um golpe de mar, como a cabeçada de um mulo e me teria arrastado sempre, sempre, sempre, embora eu ficasse velha e todos os filhos de teu filho me puxassem pelos cabelos.

(*Entra uma VIZINHA.*)

MÃE.- Ela não tem culpa, nem eu (*Sarcástica*). Quem a tem, então? Louca, fraca, desassossegada mulher é a que arranca uma coroa de flores de laranjeira para buscar um pedaço de cama aquecido por outra mulher!

NOIVA.- Cala-te, cala-te. Vinga-te de mim, aqui estou! Vê que meu pescoço é tenro; menos trabalho te dará que cortar uma dália de teu jardim. Mas isso não. Honrada, honrada como uma menina recém-nascida. E forte para prová-lo. Acende o fogo. Vamos meter as mãos. Tu por teu filho, e eu por meu corpo. Retirarás primeiro as tuas.

(Entra outra VIZINHA.)

MÃE.- Mas que me importa a mim a tua honradez? Que me importa tua morte? A mim que me importa nada de nada? Benditos sejam os trigos, porque meus filhos estão debaixo deles. Bendita seja a chuva, porque molha a cara dos mortos. Bendito seja Deus, que nos estende juntos, para descansarmos.

(Entra outra VIZINHA.)

NOIVA.- Deixa-me chorar contigo.

MÃE.- Chora. Mas na porta.

(Entra a MENINA. A NOIVA fica à porta. A MÃE no meio da cena. A MULHER entrando e dirigindo-se para a esquerda.)

MULHER

Era belo ginete;  
e agora — montão de neve.  
Correu feiras e montes  
e braços de mulheres —  
Agora, musgo da noite  
lhe coroa a testa.

MÃE

Girassol de tua mãe,  
espelho da terra.  
Que te ponham ao peito  
cruz de amargas adelfas.  
Que te cubra um lençol  
de reluzente seda,  
e que a água forme um pranto  
entre as tuas mãos quietas.

MULHER

Ai, que quatro rapazes  
chegam, de ombros cansados.

NOIVA

Ai que quatro rapazes  
de morte vêm carregados.

MÃE

Vizinhas.

MENINA (À porta)

Já os trazem.

MÃE

Tanto faz.  
A cruz, a cruz.

MULHERES

Doces cravos,  
doce cruz  
doce nome  
de Jesus.

NOIVA

Que a cruz ampare a mortos e vivos.

MÃE

Vizinhas; com uma faca,  
com uma faquinha,  
por um dia assinalado, entre as duas  
e as três horas,  
se mataram estes dois homens do amor.  
Com uma faca,  
com uma faquinha  
que mal nos cabe na mão,  
mas que penetra tão fina  
pelas carnes assombradas,  
e vai parar lá no sítio  
onde emaranhada treme  
a escura raiz do grito.

NOIVA

E isto é uma faca,  
uma faquinha,  
que mal nos cabe na mão,  
— que é um peixe sem escamas  
nem rio —  
para, em dia assinalado,  
entre as duas e as três horas,  
com esta faca,  
ficarem dois homens hirtos  
e de lábios amarelos.

MÃE

E mal nos cabe na mão;  
penetra, porém, tão fria  
pelas carnes assombradas!  
— E pára naquele sítio  
onde emaranhada treme  
a escura raiz do grito.

(Ajoelhadas no chão, as VIZINHAS choram)

Cortina

FIM  
DE "BODAS DE SANGUE"

## PUBLICAÇÕES DA COMPANHIA JOSÉ AGUILAR EDITORA

### BIBLIOTECA LUSO-BRASILEIRA

*Papel bíblia. Encadernação em couro.*  
*Fto. normal: 800/1600 pp.; 12 x 18,5 cm.*  
*Fto. leve\*: 500/900 pp.; 9,5 x 16 cm.*

- José de Alencar. Ficção Completa. 3 volumes
- Alceu Amoroso Lima. Estudos Literários. 2 volumes
- Paçr "Arcos. Crônica da Vida Lisboeta. 1 volume
- Mai. Bandeira. Poesia Completa e Prosa. 1 volume
- Rui Barbosa. Escritos e Discursos Seletos. 1 volume
- Camilo Castelo Branco. Obra Completa. 2 volumes.
- Castro Alves. Poesia Completa e Prosa. 1 volume\*
- Coelho Netto. Romances Escolhidos. 1 volume
- Cruz e Sousa. Obra Completa. 1 volume\*
- Euclides da Cunha. Obra Completa. 2 volumes
- Luís de Camões. Obra Completa. 1 volume
- Raimundo Correia. Poesia Completa e Prosa. 1 volume\*
- Carlos Drummond de Andrade. Poesia Completa e Prosa. 1 volume
- Eça de Queirós. Obra Completa. 4 volumes
- Ferreira de Castro. Obra Completa. 3 volumes
- Gonçalves Dias. Poesia Completa e Prosa. 1 volume
- Alphonsus de Guimaraens. Obra Completa. 1 volume
- Jorge de Lima. Poesia Completa e Ensaios. 1 volume
- Machado de Assis. Obra Completa. 3 volumes
- Machado de Assis. Seus 30 Melhores Contos. 1 volume\*
- Adelino Magalhães. Obra Completa. 1 volume
- Cecília Meireles. Obra Poética. 1 volume
- Vinicius de Moraes. Poesia Completa e Prosa. 1 volume
- Afrânio Peixoto. Romances Completos. 1 volume
- Cornélio Penna. Romances Completos. 1 volume
- Fernando Pessoa. Obra Poética. 1 volume
- Fernando Pessoa. Obras em Prosa. 1 volume
- Érico Veríssimo. Ficção Completa. 5 volumes

### BIBLIOTECA UNIVERSAL AGUILAR

*Papel bíblia. Encadernação em couro. Formato 12 x 18,5 cm.*

- Miguel de Cervantes. D. Quixote de la Mancha, 1 volume
- Fiódor M. Dostoiévski. Obra Completa. 4 volumes
- Edgar Allan Poe. Ficção Completa, Poesia & Ensaios. 1 volume
- William Shakespeare. Obra Completa. 3 volumes
- Leão Tolstói. Obra Completa. 3 volumes
- Oscar Wilde. Obra Completa. 1 volume
- Somerset Maugham. Obra Seleta. 2 volumes

## BIBLIOTECA MANANCIAL

Papel buffon. Brochura.

Capa ilustrada a quatro cores.

Formato 12,5 x 20 cm; 160/400 páginas.

1. Castro Alves: Antologia Poética
2. Fernando Pessoa: O Eu profundo e os outros eus (Seleção poética)
3. Eça de Queirós: A cidade e as serras
4. Cecília Meireles: Flor de poemas (Seleção de poesia)
5. Alphonsus de Guimaraens: Cantos de amor, salmos de prece (poesia escolhida)
6. Álvares de Azevedo: Poesias escolhidas
7. Machado de Assis: Esaú e Jacó
8. Luís de Camões: Os Lusíadas
9. Stella Leonardos: Amanhecência (Códice ancestral, Reamanhecer)
10. Antero de Quental: Coração liberto (Poemas escolhidos)
11. Federico García Lorca: Canções e outras poesias (Livro de poemas, Poema do cantar flamengo, Primeiras canções, Canções)
12. Federico García Lorca: Romanceiro gitano e outros poemas (Romanceiro gitano, Pranto por Ignacio Sánchez Mejías, Três romances históricos, Cantares populares, Poeta em Nova Iorque, Seis poemas galegos, Divã do Tamarit, Poemas esparsos)
13. Federico García Lorca: Narrações, impressões, paisagens e outras páginas de prosa
14. Federico García Lorca: Teatro I (O sortilégio da mariposa, Os títeres de cachamorra, Mariana Pineda)
15. Federico García Lorca: Teatro II (Teatro breve, A sapateira prodigiosa, Amor de Dom Perlimplim com Belisa em seu jardim, Pequeno retábulo de Dom Cristóvão, O público)
16. Federico García Lorca: Teatro III (Assim que passem cinco anos, Bodas de sangue)
17. Federico García Lorca: Teatro IV (Yerma, Dona Rosita, a solteira ou A linguagem das flores, A casa de Bernarda Alba)
18. José Landeira Yrago: Federico García Lorca de A a Z.
19. Wanda Fabian: Evangelho da incerteza (Prêmio Walmap, romance 1972)
20. Gonçalves Dias: Ainda uma vez-Adeus! (Poemas escolhidos)
21. Graça Aranha: Canaã
22. Augusto Frederico Schmidt: Eu te direi as grandes palavras (Seleção poética)
23. Mário de Sá-Carneiro: Todos os poemas
24. Emmanuel Pereira Filho: As Rimas de Camões
25. Jorge de Lima: Poesias completas I (Sonetos, Alexandrinos, Poemas, Novos poemas, Poemas escolhidos, Poemas negros)
26. Jorge de Lima: Poesias completas II (Tempo e eternidade, A túnica inconsútil, Anunciação e encontro de Mira-Celi, Livro de Sonetos)
27. Jorge de Lima: Poesias completas III (Invenção de Orfeu)
28. Jorge de Lima: Poesias completas IV (Castro Alves-Vidinha, Poemas dispersos, Ensaaios)
29. Edgar Allan Poe: Contos de terror, de mistério e de morte

Na organização e tratamento literário e editorial dos volumes da "Biblioteca Manancial" colaboraram, ou tiveram aproveitados trabalhos de sua autoria:

Afrânio Coutinho, Aldo de Carvalho, Alphonsus de Guimaraens Filho, Antônio Salgado Júnior, Antonio Herranz Vaquero, Carlos Drummond de Andrade, Danúbio Rodrigues, Darcy Damasceno, Eugênio Gomes, Euríalo Canabrava, Fernando Pessoa, Fred Perrotti, Gilberto Mendonça Teles, Helena Cidade Moura, Hélio Gravatá, Henriqueta Lisboa, Hildon Rocha, Homero Homem, João Alphonsus, João Gaspar Simões, Joaquim Campelo Marques, José Aguilar, José Galante de Souza, José Landeira Yrago, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Maria Aliete Galhoz, Maria Lúcia Amaral, Oscar Mendes, Paulo Mendes Campos, Rachel de Queiroz, Ulises Wensell, Waldir Ayala, Waltensir Dutra.

DIVISÃO DE CENSURA DE  
DIVERSÕES EDUCATIVAS - DPE  
CTF Nº 255

**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ACABOU-SE DE IMPRIMIR ESTE LIVRO  
EM JUNHO DE 1975